

Poesia contemporânea africana de língua portuguesa

Acompanhando algumas das tendências mundiais da produção poética, a literatura em versos escrita por autores africanos de expressão portuguesa pode ser caracterizada como **bastante diversa**, seja em relação a seu repertório temático, seja em relação às formas.

Com uma consciência muito clara do processo que constitui sua trajetória, essa poesia revela uma capacidade de se situar em relação a etapas anteriores do fazer poético. Ou seja, do ponto de vista tanto dos estilos individuais quanto das questões relacionadas a uma dimensão social e coletiva, a poesia africana contemporânea de língua portuguesa vive um **momento de afirmação de suas raízes** e, paralelamente, estabelece com outros centros culturais mundiais um **diálogo cada vez mais intenso e significativo**.

Um rápido olhar sobre a produção de três países (Angola, Moçambique e Cabo Verde) pode oferecer uma compreensão sobre alguns dos caminhos trilhados pelos poetas contemporâneos.

Em **Angola**, elementos relacionados à melancolia podem ser considerados constantes na produção poética das últimas décadas. Uma visão da realidade humana marcada pela incerteza e pela perplexidade aparece nos poemas sob o viés da desconstrução e da metalinguagem, da transgressão e do erotismo, do sentimento de errância e do questionamento relacionado ao pertencimento. Esses elementos são explorados nos textos cujas formas variam da revitalização da oralidade e da tradição ao rompimento com os laços que possam remeter poeta e leitor a modelos poéticos do passado.

11 Sugestão de atividade.

No escuro. No silêncio.

dobrei os arcos de papel
debaixo
do tecido de areia.

no escuro, no silêncio
por habitar
venci as lágrimas.

nas estrelas ou nas cortinas
ou nos plátanos
mastiguei os sonhos.

e vi os sonhos
se diluírem entre as árvores
no rosto do asfalto esquecido.

no escuro, no silêncio.

MAIMONA, João. No escuro. No silêncio. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre et al. *Poesia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 111.



A expressão da melancolia é um dos eixos do poema. A tristeza se reflete na imagem dos sonhos que são destruídos (mastigados e diluídos), reforçando o sentimento de desesperança ("venci as lágrimas"). O espaço do "escuro" e do "silêncio" remete-se a uma realidade associada, a um só tempo, ao medo e à morte. Como que contraditoriamente, porém, a imagem dos "plátanos" aponta para a vida. A oscilação entre vida e morte, entre destruição e renascimento, e a contradição da existência humana no mundo contemporâneo são, enfim, algumas das expressões perceptíveis nesse poema.

Entre os poetas angolanos, destacam-se, além de João Maimona, Duarte de Carvalho, João Tala, Arlindo Barbeitos, Maria Alexandre Dáskalos, Maria Amélia Dalomba, Paula Tavares e Abreu Paxé.

Ilustrações:
Daniel Klein, 2015, Digital.



João Maimona nasceu em 1955, em Quiboclo, Angola. Na cidade de Huambo, em seu país natal, participou da fundação do grupo Brigada Jovem de Literatura, em 1981, que exaltava os valores da independência de Angola. Entre suas principais obras estão *Quando se ouvir os sinos das sementes* (1993) e *Idade das palavras* (1997), ambos livros de poemas.

Em **Moçambique**, três grandes poetas, todos falecidos, são responsáveis pela produção mais importante ocorrida na língua portuguesa desse país no século passado: José Craveirinha, Rui Knopfli e Noémia de Souza. Destacam-se, nessa produção, a **exploração estética de sonoridades típicas do falar moçambicano**, no plano da forma, assim como o **confronto entre os modos de ser africano e europeu**, no plano do conteúdo. Um **questionamento das situações de opressão e exploração humana**, muitas delas referindo-se a acontecimentos que encontram uma fundamentação na História, também surge como uma constante dessa poesia.

Em épocas mais atuais, a poesia de Moçambique tem como marca um apelo mais subjetivo, procurando representar poeticamente uma dimensão mais intimista do humano.

a sombra dos teus olhos,
a testa clara, a linha que vai
das sobranceiras à cartilagem
marfim, estática,
e onde nenhum vento já irriga
o tumultuar do sangue o rio
aberto em teus lábios;

a sombra dos teus olhos,
amêndoas perfiladas,
e o sorriso, colcha
rendilhada afagando o Tempo;

a sombra dos teus olhos,
Mãe,
no retrato.

PATRAQUIM, Luís Carlos. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre et al. *Poesia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 231.



Luís Carlos Patraquim nasceu na cidade de Lourenço Marques, Moçambique, em 1953. Mora em Portugal desde 1980, escrevendo textos para a imprensa desse país e de seu país natal. Autor de roteiros de cinema e de peças teatrais, ganhou o Prémio Nacional de Poesia, de Moçambique, em 1995. Entre suas obras encontram-se *Monção* (1980), *A inadiável viagem* (1985) e *O osso côncavo* (2005).

plátanos: árvores ornamentais, utilizadas em parques e jardins por sua capacidade de "viver intensamente" todas as estações do ano — suas folhas trocam de coloração em cada fase dos períodos anuais.

Esse poema é composto de três estrofes que partem de um verso que se repete e que focaliza sempre como ponto inicial os olhos, **delineando a figura de um rosto feminino materno**. Note que há certa **regularidade decrescente** nessa descrição, que parte de uma estrofe de sete versos, passando para uma estrofe de quatro versos para, finalmente, chegar à última estrofe de três versos. A trajetória decrescente pode também ser vista na **diminuição do número de palavras em cada estrofe** (34 na primeira, 15 na segunda e 8 na terceira), indicando quase uma redução de termos pela metade em cada estrofe. Conforme a observação vai se repetindo, **a percepção se torna mais objetiva**: na última estrofe, não há metáforas para designar o rosto, diferentemente das duas primeiras estrofes, carregadas de imagens sugestivas que misturam elementos humanos e naturais (olhos, testas, sobranceiras, lábios, sangue, sorriso X vento, rio, marfim, amêndoas, Tempo).

Uma possibilidade de análise, portanto, aponta para uma transição entre um **modo subjetivo** de observar o rosto materno (descrito a partir de um número considerável de metáforas que adjetivam a face da mulher) e uma **maneira objetiva** de falar desse mesmo rosto (com poucas palavras substantivas). Passando gradativamente das imagens metafóricas à identificação com um "retrato", o poema "desmetaforiza" a imagem, tornando-a uma expressão literal, direta, concreta.

Essa interpretação do poema, que é apenas uma entre muitas outras possibilidades, é um exemplo de uma poesia moçambicana contemporânea que se afasta de questões sociais para mergulhar na subjetividade.

Destacam-se, no contexto da produção poética de Moçambique atual, além de Luís Carlos Patraquim, Virgílio de Lemos, Eduardo White, Néelson Saúte e Armando Arthur.

Em **Cabo Verde**, apesar de a **diversidade de propostas** ser talvez uma das marcas mais claras da produção poética contemporânea, escritores como Corsino Fortes, José Vicente Lopes, Vera Duarte, Dina Salústio, Filinto Elísio e José Luis Tavares atualizam a tradição poética desse país. **Temas como fome, condição insular** (o país é formado por um conjunto de ilhas), **paisagem marítima e seca**, constantes que atravessam a literatura caboverdiana, são abordados com base em questionamentos de **caráter cosmopolita**.

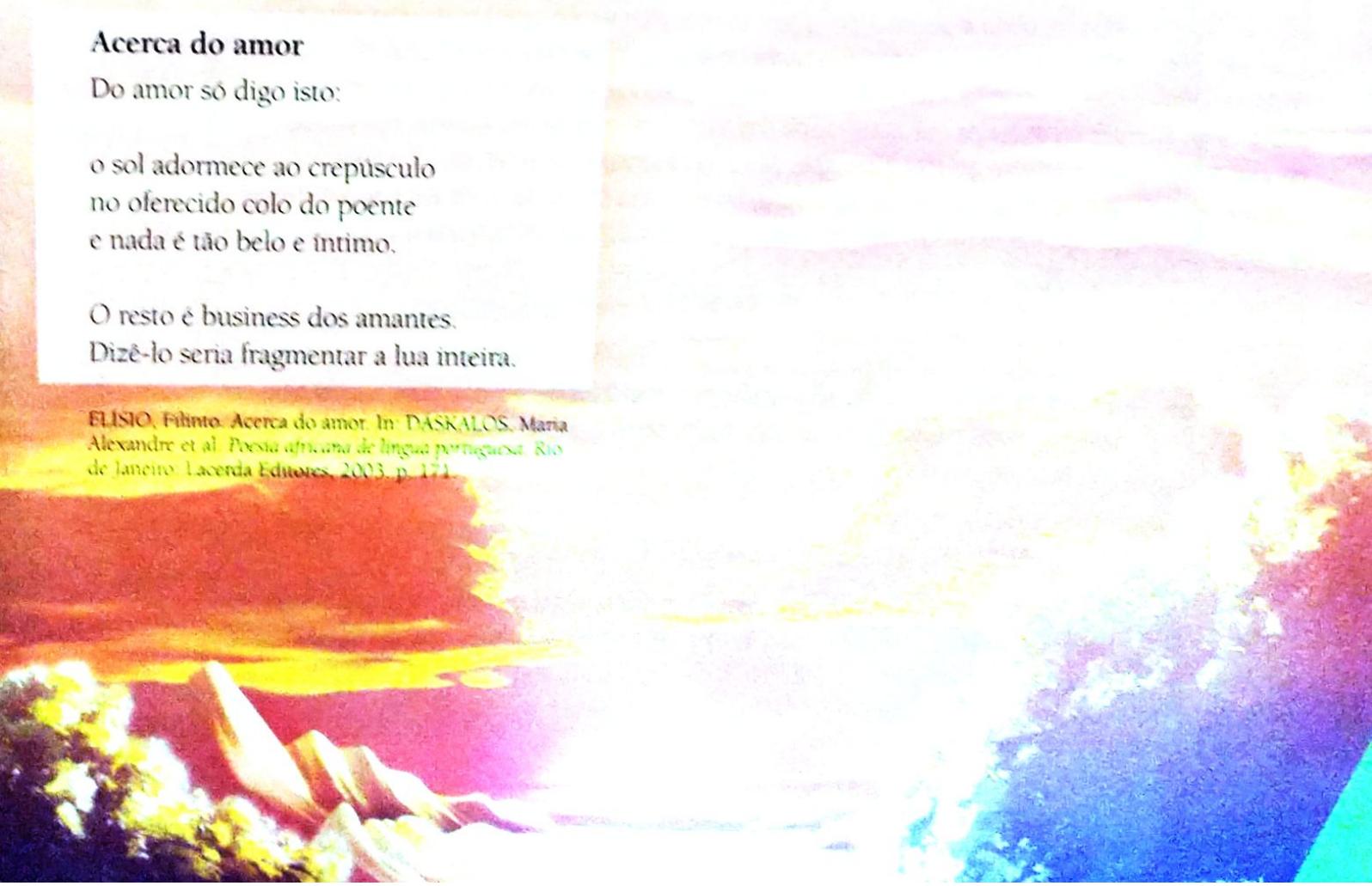
Acerca do amor

Do amor só digo isto:

o sol adormece ao crepúsculo
no oferecido colo do poente
e nada é tão belo e íntimo.

O resto é business dos amantes.
Dizê-lo seria fragmentar a lua inteira.

ELÍLIO, Filinto. Acerca do amor. In: DASKALOS, Maria Alexandre et al. *Poesia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 171.



No poema, o sentimento amoroso (ou melhor, a parte que dele é importante, segundo o eu lírico) é transfigurado na paisagem do anoitecer. A essa beleza, porém, o poema apresenta um "oposto": o amor "*business*", a negociação amorosa entre os amantes. O amor, como é expresso nesses versos, apresenta duas faces: uma **altamente lírica, tradicional**, que, como em outros poemas do passado, projeta-se eternamente sobre a natureza como algo "belo e íntimo"; outra **antilírica, contemporânea**, o amor como um **negócio** (*business*). Assim, o poema de Filinto Elísio atualiza um sentimento bastante explorado em poemas, o amor, criando uma contraposição entre **passado e presente**, entre **natural e negócio**, entre **tradição e contemporaneidade**.



Filinto Elísio

Daniel Klein 2015 Digital

Organize as ideias

Como proposta de síntese dos conteúdos trabalhados nesta unidade, elabore um texto dissertativo cujo tema é **A literatura contemporânea produzida a partir da década de 1950 pode ser considerada uma continuidade do Modernismo ou é possível entendê-la como uma nova etapa, um novo estilo de época?**

Para escrever esse texto, você deve prestar atenção nos critérios de avaliação a seguir.

Tipo de texto e abordagem: Atenção para atender aos padrões de uma dissertação, que pressupõe uma apresentação articulada de ideias, bem como uma adequação ao tema. Para embasar as ideias que você vai expor em seu texto, consulte não só os textos que fazem parte desta unidade, mas também outros, que possam ser coletados em fontes diversas (livros, enciclopédias, internet, etc.). Lembre-se de que as fontes devem ser confiáveis, ou seja, não colete dados de lugares que não pareçam adequados, pois informações equivocadas podem desqualificar seu texto.

Estrutura: Nesse aspecto, são avaliados a coerência do texto, a composição dos parágrafos, os elementos de coesão, assim como a organização dos argumentos e seu encadeamento.

Expressividade: Atente aos aspectos gramaticais, tais como ortografia, pontuação e demais adequações. Além disso, lembre-se de que você deve defender um ponto de vista de modo claro.